

As pessoas, o tempo longo e as imagens: a devoção e culto das almas do Purgatório em Portugal.

Maria Inês Afonso Lopes

Doutoranda em Histoire des Religions

École des Hautes Études en Sciences Sociales

GAHOM - Groupe d'Anthropologie historique de l'Occident Médiéval

Doutoranda em História da Arte Portuguesa

Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CITCEM

inesafonsolopes@gmail.com

Enviado em: 12/09/2016

Aprovado em: 02/10/2016

Resumo:

A devoção às almas do purgatório é um elemento chave das sociedades católicas. Ainda hoje são reproduzidos ritmos, crenças, e gestos que durante séculos ligaram o mundo dos vivos e dos mortos, a partir da crença neste terceiro lugar do além. Como objectos devocionais do quotidiano, as *alminhas* ou os retábulos das almas raramente surgem nas fontes históricas. Desde os anos noventa do século passado, a historiografia tem-se renovado: questiona-se a centralidade da fonte escrita e repensam-se metodologias e objectos de estudo. Historiadores começam a erigir uma história sem textos, a partir de correntes como a história das imagens que interliga a história, a história da arte e a antropologia. Assim, para a compreensão dos traços de permanência da crença no purgatório no tempo longo, será interessante analisar as suas imagens a partir de uma perspectiva histórico-antropológica.

Palavras-chave: Historiografia, imagens, antropologia-histórica, purgatório.

Abstract:

The devotion to the souls in purgatory is a key element of the catholic societies. Currently, rhythms, beliefs and gestures that throughout the years made the connection between the worlds of alive and dead from the belief on this third place of the hereafter, keep being reproduced. As devotional objects from the everyday life, *alminhas* and altarpieces for the souls rarely appear on the historical sources. Since the nineties, there has been a historiographical renewal: there has been questioned the centrality of the written sources, and re-thought the methodologies and study objects. Using trends like the *history of images* - which connects history, history of art and anthropology together - historians, start to build up a new *history without texts*. Using an historical and anthropological analysis, we will start from the images to understand the lines of permanency of the belief in purgatory in the *long duration*.

Keywords: Historiography, images, historical-anthropology, purgatory

A cultura material, os sujeitos, o espaço e o tempo são quatro dimensões de análise essenciais no exercício da história da arte, composto pela reconstrução da memória¹ e interpretação dos fenómenos do passado. A complexidade deste exercício exige a articulação dos mais variados tipos de fontes. Estas, sendo apenas fragmentos de informação, necessitam de uma análise crítica das suas condições de produção, inseridas na plena compreensão do lugar que os seus autores ocuparam nas estruturas e dentro da *ortodoxia no campo*² a que pertenceram. Por outro lado, de acordo com as mais recentes correntes, seguidas por autores como Jean-Claude Schmitt³, Richard Marks⁴, Hans Belting⁵ ou W. J. T. Mitchell⁶, as metodologias utilizadas pela história da arte tem vindo a beneficiar das leituras dos objectos feitas por outras áreas disciplinares como a história, a linguística, a antropologia⁷ a semiótica ou a sociologia. A partir do diálogo com correntes e *turns* epistemológicos das outras ciências sociais e humanas, nos últimos cinquenta anos a história da arte tem-se reconfigurado ao (re)questionar o seu objecto de estudo.

Na construção historiográfica, espaço, tempo e sujeitos são dimensões interligadas a partir de textos, imagens, objectos, ritos e cultura oral - veículos de memória essenciais para compreender os fenómenos. Após a predominância na história da arte das teorias ligadas a linguística e estruturalismo, personificadas na figura de Panofsky e em autores como Roland Barthes ou Giulio Carlo Argan, nas últimas três décadas a disciplina reconfigurou a compressão do seu objecto de estudo. A dialéctica entre imagem e cultura, que privilegiou os produtores e funções das obras, é progressivamente substituída por um discurso ligado à articulação da cultura com os agentes, a materialidade/agencialidade das obras, e seus *usos*. O corpo *socialmente informado* dos agentes e a suas relações com a matéria passa a ser o centro do debate.

Torna-se, assim, cada vez mais pertinente, questionar antes de mais a *acção das imagens* e cultura material nos sujeitos. Nas últimas décadas a historiografia da arte tem acompanhado este *turn* epistemológico, desenvolvendo um *corpus* bibliográfico focado na historicização dos *regimes de percepção*⁸, comprometidos com factores tanto fenomenológicos como estruturais. Nesse sentido, foi valoroso o contributo das correntes epistemológicas herdeiras da antropologia anglo-saxónica como o *visual turn*, *material turn* ou o *sensory turn*.

Autores da história e da antropologia como Jean-Claude Schmitt, Alan Corbin⁹, Carlo Severi¹⁰ ou Philippe Descola¹¹ vêm confrontando os fenômenos históricos com modelos de leitura antropológicos, metodologia que tem vindo a dar frutos em correntes historiográficas como a *antropologia histórica*, *história das emoções*, *história dos sentidos*, ou nas novas teorias interpretativas da história da arte a partir da *história das imagens*. Dentro desta perspectiva uma nova leitura desenvolve-se na confrontação das imagens¹² com objectos e temas normalmente ligados à antropologia, como *sistemas de representações*, memórias, gestos, ritos, mitos ou cultura oral. Nesta convergência a história da arte tem vindo a ampliar a compreensão da acção das imagens/arte como parte do *fenómeno social total*.

Por outro lado, por constrangimentos metodológicos, esta disciplina carece da dimensão fenomenológica presente na análise antropológica, o que muitas vezes encobre as interacções entre os sujeitos e as imagens. O *uso* da cultura material desenvolveu-se a partir de condicionantes socio-espaciais ligadas ao *habitus* dos sujeitos e à sua reacção imediata aos objectos. Esta está condicionada a uma série de estímulos sensoriais que activavam emoções, imagens mentais, memórias e mensagens previamente aprendidas, sendo a dimensão fenomenológica ainda hoje uma das grandes interrogações da história da arte.

De modo a encontrar essa dimensão dos fenômenos históricos poderá ser epistemologicamente proveitoso ultrapassar alguns espartilhamentos do discurso diacrónico, sempre tão caro ao historiador, insuflando na produção científica da história, conhecimentos e reflexões resultantes de um trabalho de terreno próximo da etnografia. Nesse sentido, existe o exemplo das obras de Carlos Alberto Ferreira de Almeida¹³: através de uma junção da análise histórica como o trabalho de terreno próximo da etnografia, o autor articula as várias expressões que o mesmo fenómeno teve em distintos locais ao longo de uma ampla cronologia, à maneira *warburguiana*. Neste sincretismo a sua obra torna-se elucidativa das *persistências no tempo longo*, e permite, talvez, entender aquilo que os documentos do passado omitem.

É nestas persistências que se pode perceber a acção das imagens no culto e devoção às almas do Purgatório em Portugal. Como Carlos Alberto Ferreira de Almeida sublinhava no seu artigo de 1974 “O culto de Nossa Senhora no Porto, na época Moderna. Perspectiva antropológica”, a devoção às almas marcou as sociabilidades portuguesas durante séculos¹⁴. O culto e devoção às almas pautaram parte dos ritmos sociais em Portugal. Ainda hoje é possível auscultar as ramificações que a vivências da morte e a crença no além cristão tiveram nas populações.

Já em 1981 Jacques Le Goff tinha percebido a importância do fenómeno ao escrever a obra que foi a pedra de toque da história das mentalidades - *O nascimento do Purgatório*¹⁵. Como o autor demonstra, segundo a doutrina o tempo de (ex)purgação da alma no purgatório é indeterminado, dependendo proporcionalmente do número de pecados individuais de cada crente. Estes poderiam ser mortais ou veniais¹⁶, e portanto cometidos na inocência e impossíveis de contabilizar, o que torna a incerteza do tempo de (ex)purgação uma das peças chaves da (re)produção do culto do purgatório. No entanto, a mesma doutrina criava a *estratégia* para contornar a *regra*¹⁷. Como Jacques le Goff tão bem explicita, tanto no discurso doutrinário como no imaginário das populações¹⁸ o tempo do purgatório era controlável e manipulável, através do valor purificador da oração que sublinhava importância da já milenar tradição de rezar pelos defuntos¹⁹. Por outro lado, acreditava-se que ao orar por uma alma esta quando saísse do purgatório corresponderia, intercedendo perante Deus pelos que tinham orado por ela e estavam agora nas agonias purgatórias. Como é bem conhecido, esta *estratégia* deu origem a uma autêntica *contabilidade do além*²⁰ onde o acumular de orações, praticas e ritos ligados às almas desempenhou um papel fulcral na relação dos crentes com a morte e a vida.

Juntamente com devoção às almas do purgatório desenvolveram-se outros fenómenos que ultrapassam os dogmas teológicos, doutrinários católicos. Ainda hoje persiste a já antiga crença²¹ nas almas penadas que, exigindo sufrágios ou pedindo expiação de promessas feitas, aparecem aos vivos. Normalmente, as promessas por cumprir e/ou os sufrágios por realizar não permitem que estas aparições (*revenants* como indica a obra essencial de Jean-Claude Schmitt²²) saiam do purgatório e vejam a *face de Deus no bom lugar* - expressão ainda hoje utilizada pelos crentes em referência ao paraíso.

É por isso necessário através de símbolos, gestos e ritos, apaziguar os mortos, de modo a que estes não transponham a barreira que separa a *sociedade dos vivos* e o além.

O cumprimento de promessas e exercício dos sufrágios fazia parte da prática do exercício da *memoria* do defunto, que segundo Jean-Claude Schmitt²³ trata-se ironicamente de uma *técnica social de esquecimento* que sublinha a divisão entre o *mundo dos vivos* e o *mundo dos mortos*²⁴. Paradoxalmente, em outras situações os vivos podem evocar as almas do purgatório esperando que elas tomem parte nas suas vidas, auxiliando-os nas necessidades. Nesse sentido, a devoção às almas ajuda a sublimar os receios e expectativas das várias facetas imprevisíveis da morte e crença no além. Ao mesmo tempo, a devoção quotidiana dedicada às almas tornava-as seres protectores, ainda mais próximos do que os santos evocados nas orações diárias.

As estradas e caminhos portugueses são povoados por *alminhas* - um marco incontornável na paisagem do norte, principalmente no Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes. Se nas obras de Flávio Gonçalves dedicadas às *alminhas*²⁵ o autor foca a sua análise na iconografia que estas normalmente apresentam, um objecto tão rico do ponto de vista antropológico necessitará de uma análise para além da iconográfica que revele a sua dinâmica com os crentes. Ultrapassando a sua iconografia, importante para a compreensão *erudita* dos *sentidos* destas imagens, será também pertinente trazer para a análise as suas interacções com os sujeitos e o papel simbólico e material que tomam numa crença onde a constante repetição do rito é essencial.

A *agencialidade* ritual das alminhas repercute-se na sua localização topográfica. As *alminhas* são oratórios exteriores aos edifícios que, como já referido, se encontram implantadas em caminhos antigos e estradas, sendo um dos mais comuns marcos da paisagem portuguesa. Normalmente são compostas por um painel que pode conter vários matérias e técnicas, seja azulejo, pintura ou relevo. A composição formal é variada, numa plasticidade de fórmulas que não será de negligenciar em análises comparativas. A estrutura que circunda o painel habitualmente diverge, podendo ser arquitectónica, retabular, semelhante a oratórios, ou mesmo um pequeno nicho na parede, não esquecendo os painéis que se encontram isentos de qualquer enquadramento *cenográfico*.

No entanto, o que define o conceito de *alminha* é a representação nestes painéis do fogo do purgatório, com as almas. A partir daí há variações na representação onde podem surgir intermediários como Cristo, a Virgem, São Miguel Arcanjo ou anjos resgatando as

almas. Teologicamente o fogo do purgatório diverge do fogo do inferno por ser purificador²⁶ e significar a esperança na misericórdia divina. Daí as representações das almas que se encontram no fogo estarem em oração ou de braços elevados para os céus, numa demanda pela salvação²⁷. Não obstante a percepção e significados que os sujeitos dão a estas imagens, e aos fogos nelas representados morfologicamente idênticos, é flutuante conforme o grau de conhecimento e compreensão dos dogmas teológicos.

Nestas representações, as almas choram e sofrem, podendo provocar sentimentos pietistas e o medo do futuro incerto que os crentes vêm no purgatório, levando-os a se ajoelharem, tirarem o chapéu ou colocarem velas em gestos de sublimação. Assim, antes de serem um significado, estas imagens são uma acção performativa imediata²⁸ que convoca representações mentais e gestos previamente apreendidos pela força do *habitus*, existindo por isso, constrangimentos relativos a uma interpretação puramente iconográfica, para além daquela do historiador da arte ou do *connoisseur*. Estas imagens agem através do seu *poder* e *sentidos* sobre os crentes levando-os a uma série de ações que moldam e (re)produzem a crença.

Percebe-se que este *poder* ultrapassa a iconografia canónica pela capacidade de síntese imagética que algumas *alminhas* demonstram. Na antiga estrada entre Ponte de Lima e Viana do Castelo, no lugar de Vila Franca do Lima, encontra-se uma *alminha* - hoje conhecida como *alminha do Caminho da estrada Velha* - com características que nos levam a uma análise que ultrapassa em muito a compreensão iconográfica. Produzida em azulejo pintado, provavelmente em meados do século XX, esta *alminha* apresenta uma série de labaredas circundadas por anjos que dirigem o seu olhar ao alto onde se encontra representado Cristo crucificado (fig.1). Deste exemplar fazem ainda parte um esmolário e encontra-se rodeado por velas que demonstram a devoção que ainda é dedicada a esta imagem. Contudo, apesar da falta da representação das almas, segundo o método elemento iconográfico essencial para a atribuição de uma imagem do purgatório, os crentes identificam ainda hoje esta imagem como uma *alminha* e um símbolo deste *lugar* do além. A presença de apenas alguns signos *secundários* pode activar imagens mentais²⁹ previamente adquiridas no imaginário das populações e criar o símbolo.

Coloca-se, assim, em evidência a acção das imagens nos sujeitos levando a questionar qual o lugar da análise iconográfica na compreensão das imagens. Sem dúvida, de um ponto de vista da *transmemória das imagens*³⁰ este método permite a compreensão

das camadas prévias de saberes e fórmulas *eruditas* ligadas à semiótica das imagens. No entanto, os cânones iconográficos não são difundidos em “estado puro” pelos sujeitos que percebem as figurações num misto das crenças pessoais e locais, juntamente com a doutrina que lhes chega apenas já fragmentariamente. Por outro lado, a história da arte, seguindo as mais recentes correntes da antropologia e da história, tem vindo a reposicionar o seu quadro disciplinar, abrindo-o à análise fenomenológica. O papel das emoções, dos estímulos sensoriais e dos sentidos na vivência das imagens está cada vez mais presente no *coprus* historiográfico. Contrariando a sua matriz racionalista e estruturalista, cada vez mais é defendido que o *erro* de Panofsky foi ter ignorado a acção das imagens nos sujeitos³¹.

É neste debate que progressivamente questiona-se a adequação da linguística e da semiótica na compreensão das imagens. Começa a sedimentar-se a ideia de que o pensamento figurativo é um sistema independente de linguagem, ligado à acção imediata dos sujeitos³². As construções teóricas que defendem que as *imagens geram imagens* desenvolvem-se no quadro disciplinar da história da arte, desprezando a sua produção e *usos* dos núcleos *eruditos de pensamento*. Juntamente com esta ideia tem-se vindo a questionar o intencionalismo e o racionalismo na vivência das imagens.

A condição humana é baseada no automatismo³³: a partir do *habitus* reproduzimos os ritmos, ritos e gestos que *vimos fazer*. O *habitus* é um dos motores da religiosidade: esta é composta pela reprodução de pequenos gestos e ritos que envolvem os *sistemas de representações* das populações em torno de um suporte material. Durante séculos as *alminhas* foram parte *funcional* do *campo religioso*, na sua tentativa de controlo do desconhecido e do incontrolável. Elas sacralizam o espaço, são um elemento apotropaico e profilático, enquanto servem de suporte material e mnemónico dos ritos. Os caminhos e estradas foram durante séculos locais de insegurança e perigos eminentes. A presença de um elemento sacralizador, como *alminhas* ou cruzeiros, cadenciando os caminhos, apaziguava a ansiedade e contribuía para o sentimento de segurança: as acções performativas que acompanhavam a visualização destes oratórios ajudavam a sublimar o medo do desconhecido e do imprevisto.

Ainda podemos ouvir testemunhos de quem se lembra de ver os homens tirar o chapéu e orar ao passar por uma *alminha*. Hoje encontramos velas, candeias e azeite para sinalizar o apoio e oração pelas almas num *memorial*, demonstrando como a luz continua

uma parte fundamental da vida religiosa³⁴ e do culto dos mortos³⁵ - num mundo ritmado pela luz solar, a luz do fogo trazia *claridade* ao desconhecido apaziguando os medos nocturnos³⁶. Esta qualidade apaziguadora foi transportada para a cultura cristã a partir da associação teológica de Deus à luz. No espaço sacro multiplicaram-se candelabros, lâmpadas, e círios que difundiam a luz enquanto símbolo sagrado. Como defende Jacques Chiffolleau, o cristianismo e o catolicismo desenvolveram uma religiosidade *flamejante*³⁷, esteticamente dramática, a partir da multiplicação estímulos sensoriais como imagens, cânticos, incensos e luzes. *A luz das velas de cera era estimada pelo seu cheiro doce e pela pureza da chama*³⁸, num potente estímulo multissensorial. Nesse sentido, presença e manutenção da luz é uma das cláusulas frequentemente referidas nos legados testamentários³⁹.

Assim, os *gestos de luz* são disseminados nos mistérios do além. Como os legados testamentários ou os estatutos de confrarias nos demonstram, a luz foi pelo menos desde a Idade Média uma presença constante nos cemitérios⁴⁰, nas capelas e nos ritos *pré e post mortem* como o *viático*, *extrema-unção*, enterramento ou missas dos defuntos. As suas associações epifânicas e hierofânicas tornaram-na presente nos ritos e devoções, sendo colocadas em frente às imagens e capelas funerárias. Neste contexto a luz sinalizava a lembrança do defunto, e da constante oração para que a sua alma se libertasse do purgatório – uma constante esperança de acompanhamento nas trevas. A associação da luz a um sinal de presença divina e acompanhamento permaneceu na longa duração, fazendo também parte das demonstrações devocionais nas *alminhas*.

Perante elas perduram rituais, tais como mulheres que passam sempre à mesma hora da noite, durante *três ou quatro dias*, parando, para deixar velas e orar. Há também crentes que no seu percurso quotidiano se detêm nas *alminhas* para rezarem. A sua implantação, normalmente em antigos caminhos e em encruzilhadas, é propícia à reprodução desta prática de oração *espontânea* já enraizada no *habitus* dos crentes. A ideia de que as imagens são um importante mnemónico para a oração pelas almas do purgatório manteve-se no decorrer dos séculos. No século XVII, Lucas de Andrade⁴¹ afirmava que o seu pai, o pintor Luiz Alvares de Andrade, movido pela sua grande devoção às almas do purgatório, mandara fazer várias tábuas com uma alma em oração, envolta em chamas. Este ordenara que as colocassem nas portas das cidades e praças públicas do reino para trazer à memória à necessidade de socorrer as almas com orações⁴².

O mesmo quadro mental explica o grande número de *alminhas* que perdura e se multiplica nos *caminhos portugueses*. Num efeito *mnemónico automático* as *alminhas* ativam uma resposta física nos sujeitos que com elas cruzam, desencadeando gestos de devoção e oração, sacralizando o espaço e contribuindo para o sentimento de protecção dos crentes. Nesse sentido, é compreensível a sua implantação topográfica em locais onde alguém morreu sem sacramentos, caminhos antigos, encruzilhas e cruzamentos – as *alminhas* seriam também um objecto apotropaico que se destina a separar e a proteger os locais de charneira entre o *mundo dos vivos* e o *desconhecido*. As *alminhas* possuem frequentemente inscrições que remetem para a importância do exercício da memória dos defuntos. Frases como *Vós que ides passando lembrai-vos dos que estão penando ou neste espelho podeis ver o que em breve vireis a ser* projectam as expectativas dos crentes numa relação empática com as almas, reforçando a necessidade de oração constante⁴³.

Outra face da mesma moeda são os retábulos das almas que se encontram nas igrejas por todo o país. Estes remontam pelo menos ao século XVI, reproduzindo-se em vários tipos e estilos ainda no século XX. Os retábulos são na sua maioria de talha dourada policroma, existindo variações em pintura mural⁴⁴, madeira, tela ou pedra, como surge na Igreja Matriz de Azevedo, concelho de Caminha. Num primeiro registo, o vermelho vivo do fogo repleto de almas é encimado pela *Santíssima Trindade* com a assistência celeste de anjos resgatadores, e a presença intercessora dos Santos, do Arcanjo Miguel e da Virgem.

O arquétipo representado nos retábulos das almas é o mesmo que nas *alminhas*. Na referida Igreja Matriz de Azevedo em Caminha, encontra-se um retábulo pétreo que representa a Virgem com o menino e o Rosário, São Francisco o Arcanjo Miguel e as almas. Na mesma zona geográfica surge uma *alminha* exactamente com a mesma morfologia.

Pelas suas dimensões os retábulos encontram muitas vezes espaço para uma combinação de figurativa da *geografia do além*. Frequentemente a imagem do purgatório desenvolve-se num conjunto da *tríade do além*, mostrando escalonadamente os seus três *lugares* nivelados de baixo para cima numa *hierarquia da salvação*. Surge num primeiro registo horizontal o inferno com os seus demónios, monstros e as almas condenadas; segue-se o purgatório onde os anjos e o Arcanjo Miguel resgatam as almas orantes; e por

último, o paraíso apresentando a Virgem, a *Santíssima Trindade* e os anjos ou Santos. Esta tipologia de retábulos das almas surge entre os séculos XVII e XVIII em diversas áreas como o caso do Retábulo da Igreja Matriz de Monsanto no concelho de Idanha-a-Nova⁴⁵, o da Igreja Matriz de Avantos⁴⁶ no concelho de Mirandela (**Fig.2**), ou o Retábulo da Igreja Matriz de Carção⁴⁷ no concelho de Vimioso.

Por outro lado, as imagens das almas projectam na sua forma antropomórfica sensibilidades e *sistemas de representações*: é quase constante nos retábulos do século XVII e XVIII a presença de almas com a tiara papal, tonsura ou coroa numa óbvia alegoria que nos remete para as *vanitas* do Barroco. No retábulo das almas da Igreja matriz de Chaves (século XIX) uma das almas é figurada de bigode correspondente à moda da época (Fig.3). A consciência destas *mensagens* presente nas figurações, está condicionada aos diferentes níveis de leitura dos seus usufrutuários. Para o crente as imagens agem primeiro sobre os sentidos só depois tornando-se um *sentido*⁴⁸. A *performance* destas imagens era habitualmente acompanhada por estímulos sensoriais como velas, incensos, toque do órgão, sinos, orações, cânticos e gestos⁴⁹.

O sentido iconográfico e iconológico das representações precedia o seu sentido ritual, principalmente numa população que até o século XX se manteve, na sua maioria, iletrada. O conhecimento - transmitido nos gestos do *dia-a-dia* e na plasticidade da oralidade - traduzia uma religiosidade afastada dos dogmas teológicos, desenvolvida na procura do sobrenatural para ultrapassar as frustrações decorrentes dos medos, doenças, e morte naquilo que numa expressão feliz Carmel Lisón Tolosana denomina de *do-it-yourself-religion*⁵⁰.

O fosso entre o *mundo teológico* e a religiosidade das populações traduz-se na *plasticidade* da consciência dos significados das imagens, que em muitas comunidades do interior ainda perdura. Muitas vezes imagens da Virgem são referidas como as imagens da *Santa*, enquanto nos retábulos das almas do purgatório este *lugar* é por vezes denominado de inferno. Na Igreja matriz de Caçarelhos, concelho de Vimioso, existe um retábulo painel das almas do purgatório com *Nossa Senhora do Carmo*. Composto por várias almas nas labaredas resgatadas por anjos, possui, no entanto, a figuração de uma alma que não está a ser resgatada, tapando a cara em sinal de vergonha e sofrimento, numa estrutura formal muito semelhante à presente nas *alminhas*. Ainda hoje este

retábulo é lembrado pelos crentes, que evocam as mães e avós rezando e chorando ajoelhadas em frente ao altar com medo do terrível *fogo do inferno*.

Contrariamente às *alminhas*, os retábulos encontram-se no epicentro físico da vida religiosa das comunidades. A igreja é um conjunto de ramificações espácio-devocionais que orientam o espaço servindo ritos litúrgicos e para-litúrgicos. Como parte da dramaturgia litúrgica, as imagens e altares adquiriam um reforçado valor simbólico institucionalizado que se repercutia nos seus *usos*⁵¹.

Os retábulos das almas são parte integrante dos rituais comunitários destinados a sufragar a alma. Desde a Idade Média que o aumento de missas *pro remedio animae* deixadas em legados testamentários desenvolve uma cultura de encomenda artística ligada à morte. No espaço sacro multiplicaram-se altares, túmulos e objectos litúrgicos destinados a auxiliar os rituais dos defuntos. No entanto, o acumular de gerações de sufrágios legados tornava difícil o cumprimento de todos os pedidos. Nas *visitas paroquiais* é constante a problemática relacionada com os sufrágios: muitos párocos não os realizavam apesar da esmola que tinham recebido. Amontoavam-se as referências aos graves danos que o incumprimento dos sufrágios poderia trazer para as almas, como menciona a *visitação* de 20 de Novembro de 1675 à igreja paroquial de Santa Maria de Gulpilhares onde *muitos Parrochos com grande poruizo das almas lhe retenham os sufrágios para o tempo da Quaresma afin de se ajudarem dos Sacerdotes, que vão aos officios e as confições o que he muito de estranhar, pois destroem a piedade católica retendo muito tempo as almas nas penas do purgatório (...)*⁵².

Por outro lado, a documentação das confrarias permite-nos compreender as estruturas organizativas e burocráticas construídas para garantir a realização de sufrágios. Como refere Maria de Lurdes Rosa⁵³, já na época medieval, a grande função das confrarias era reunir o maior número de intercessores terrenos para o *além*. As fontes ligadas às confrarias estão repletas de menções a ritos ligados à morte, como sufrágios pelas almas, *segunda-feira dos defuntos*, *viatico* e enterramentos. A cultura material surge com frequência associada aos ritos pelas almas a partir da encomenda artística e referências a práticas e gestos. Ao mesmo tempo estes documentos permitem associar objectos como cirios, tochas e ofertas votivas aos altares.

Nos estatutos de 1717 da confraria do Povo, e Almas erecta na igreja da Freguesia de São João da Foz no Porto surgem várias referências a um altar das almas como suporte

orientador do espaço ritual. No capítulo *Dos suffragios que se hão de fazer pelos irmãos Confrades* é expresso o desejo de que a missa das segundas-feiras fosse rezada *no altar das benditas almas com suas tochas, e suas vellas* pelos irmãos defuntos com o seu responso no fim, oração a Deus, vénias, *e sahindo pelo adro à volta do crezaire com o Miserene mei Deus rezado, e no fim com a oração Deus cujos anima fidelium, entrando para a igreja com o salmo De profundis tambem rezado com a oração fidelium Deus*. O mesmo estatuto incentivava os confrades a depositarem a quantia de trinta mil reis *para suffragios e cera*, os quais seriam distribuídos em ofícios pelos irmãos defuntos realizados às *segundas-feiras* em frente do referido altar das almas, por este ser privilegiado.

No entanto, não eram apenas os retábulos das almas que serviam para este propósito - na intercessão das almas era muitas vezes proveitoso recorrer à oração em altares privilegiados de intercessores como a Virgem ou os Santos, sendo que as confrarias também associavam a oração pelas almas ao altar do seu padroeiro. O mesmo quadro mental reflecte-se nos legados testamentários – nestas últimas vontades os crentes construía uma *estratégia* para salvação a partir da repetida oração pela alma. Assim, eram legados sufrágios para serem realizados em determinados altares de figuras da devoção pessoal do crente, ou privilegiados como o altar de São Pedro de Rates da Sé de Braga que pela sua indulgência era extremamente popular nos testamentos bracarenses do século XVII e XVIII⁵⁴.

Marc Bloch defendia a análise histórica numa linha regressiva do presente para o passado⁵⁵. Na análise de Bloch o objecto da história não é o passado. O historiador deve *farejar* onde encontram as persistências humanas e a partir daí criar o seu discurso. Assim, será proveitoso colocar as experiências do presente numa perspectiva comparativa com aquelas que os fragmentos históricos preservaram. O trabalho etnográfico revela-se uma importante fonte para a compreensão dos fenómenos históricos. Apesar das diferentes conjunturas a convergência do presente com a memória aportada pelas fontes históricas e cultura material, poderá ser mais uma ferramenta para perceber as relações auscultar os traços de permanência das estruturas sobre o tempo longo. De facto, a longa idade média de Jacques Le Goff⁵⁶ perdurou até pelo menos o século XVIII, e com ela os ritmos, gestos e imagens que moldaram as estruturas.

As imagens de outrora são *simulacros* activados pela memória social dos crentes. Por outro lado, não se poderá descurar o papel do *medium* nestas relações. Os *usos* das imagens são espoltados por estímulos sensoriais, como objectos e espaço que a circundam e revestem de várias camadas semânticas. Quando falamos dos *sentidos* do culto das almas do Purgatório e na sua acção com as imagens, falamos em gestos de esperança. Estes são baseados na crença em que a raiz do próprio cristianismo se sedimentou, a crença na salvação.

CADERNO DE IMAGENS



Fig.1 Alminha do Caminho da Estrada Velha (Ponte do Lima, Portugal, 2012. Foto da autora)



Fig.2 Retábulo da Igreja Matriz de Avantos (Avantos, Portugal, 2013. Foto da autora).



Fig.3 Retábulo das Almas da Igreja Matriz de Chaves (Chaves, Portugal, 2012. Foto da autora).

Bibliografia

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira “Ementação das Almas. Rezes de Ceia”. Porto: *Separata da Revista de Etnografia*, N.º 5, (1963)
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de "Religiosidade Popular e Ermidas" In AZEVEDO, Joaquim de (dir.) - Religiosidade Popular. Studium Generale - Estudos Contemporâneos. Porto: Centro de Estudos Humanísticos. Ministério da Cultura - Delegação Regional do Norte, nº 6, 1984, p. 75-83
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, "Carácter Mágico do Toque das Campainhas. Apotropaicidade do Som" in LIMA, Fernando de Castro Pires de (dir.), *Revista de Etnografia. Porto: Museu de Etnografia e História*, vol. 6, tomo 2, nº12, (1966) p. 339-370.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, “O Culto de Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna. Perspectiva Antropológica” *Separata da "Revista de História"*. Porto: Centro de História da Universidade do Porto, Volume II, (1979)
- BARTHOLEYNS, Gil; DIERKENS, Alain et GOLSENNE, Thomas (dir.) - *La performance des images. in Problèmes d'histoire des religions*, 19. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 2010
- BASCHET, Jérôme, “Images en acte et agir social” *in La performance des images*, Bartholeyns, Gil; Dierkens, Alain et Golsenne, Thomas. *in Problèmes d'histoire des religions*, 19. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 2010
- BASCHET, Jérôme, *L'iconographie médiévale*. Paris: Gallimard, 2008
- BELTING, Hans, *La vraie image: croire aux images?*. Paris: Gallimard, 2007
- BELTING, Hans, *Pour une anthropologie des images*. Paris: Gallimard, 2004
- BOURDIEU, Pierre, *Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos etnologia Cabila*. Oeiras: Celta Editores, 2002
- CHIFFOLEAU, Jacques, *La comptabilité de l'au-delà : les hommes, la mort et la religion dans la région d'Avignon à la fin du Moyen Age vers 1320 vers 1480*. Rome: École Française de Rome, 1978
- CHIFFOLEAU, Jacques, *La religion flamboyante (1320 -1520)*. Paris: Editions Points, 2011.

- CORBIN, Alain, “Histoire et anthropologie sensorielle”. *Anthropologie et Sociétés*, 14, 2, (1999), 13-24
- CORBIN, Alain, *Historien du sensible. Entretiens avec Gilles Heuré*. Paris: La Découverte, 2000
- CORBIN, Alain, *Time, Desire and Horror. Towards a History of the senses*. Polity press, 1990.
- COSTA, Francico Barbosa da e SOUSA, João de, *Visitações de Gulpilhares*. Gaia: Gabinete de História e Arqueologia de V. N. de Gaia, 1986
- DESCOLA, Descola, *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.
- DURÃES, Margarida, ““Porque a morte é certa e a hora incerta...”: alguns aspectos dos preparativos da morte e da salvação eterna entre os camponeses (sécs. XVIII-XIX).” *Cadernos do Noroeste. Série Sociologia. Sociedade e Cultura*. 13:2 (2000) 295-342
- FRANCASTEL, Pierre, “Art et Histoire: Dimensions et Mesure des Civilisations”. *Annales. Économies Sociétés, Civilisations*, 16, 2 (1961) 297–316
- FREEDBERG, David “Movement, Embodiment, Emotion” in *Histoire de l'art et anthropologie*, Paris: coédition INHA / musée du quai Branly (« Les actes »), 2009.
- GONÇALVES, Flávio “O “Privilegio Sabatino” na arte Alentejana” *Separata de “A Cidade de Évora”*. Separata.: S.n., (1963)
- GONÇALVES, Flávio, “Os painéis do Purgatório e as origens das “ Alminhas” populares”. Matosinhos: *Separata de Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos* n°6, (1959).
- HARTOG, François, *Régimes d'historicité. Présentisme et expérience du temps*. Paris: Le Seuil, 2003.
- LAUWERS, Michel, *La memoire des ancetres, le souci des morts: Morts, rites, et societe au Moyen Age: Diocese de Liege, XIe-XIIIe siècles*. Paris: Beauchesne, 1997.
- LE GOFF, Jacques . *Un Long Moyen Age*. Paris: Editions Tallandier, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- MARKS, Richard. *Image and devotion in late medieval England*. Stroud: Sutton, 2004.
- MITCHELL, W. J. T., “What Do Pictures "Really" Want?” *The Mit Press*, 77, (1996).
- MITCHELL, W. J.T., “There Are No Visual Media”, *Journal of Visual Culture* 4, 2, (2005).

- MITCHELL, W. J. T., *Picture Theory: Essays on Verbal and Visual Representation*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- POLO DE BEAULIEU, Marie-Anne. *Dialogue avec un fantôme, Jean Gobi, présentation et traduction*. Paris: Les Belles Lettres, 1994
- REBOREDO, Amaro. *Socorro das almas do purgatorio... ajuntase hum Modo facil e artificioso de rezar bem o rosairo e Coroas da Virgem Nossa Senhora pelo Padre Amaro de Roboredo*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1627.
- RECHT, Roland, “L’historien de l’art est-il naif? Remarques sur l’actualité de Panofsky”. in *Relire Panofsky*, Douar, Fabrice et Recht, Roland (dir.). Paris: Beaux-arts de Paris les Éditions, 2008: 11-36.
- ROSA, Maria de Lurdes Pereira, *As almas herdeiras: fundação de capelas fúnebres e afirmação da alma como sujeito de direito (Portugal, 1400-1521)*. Lisboa: Edição do Autor, 2005
- ROSAS, Lúcia Maria Cardoso «A documentação das confrarias medievais como fonte para a História da Arte» in *Atas do SEMINÁRIO INTERNACIONAL A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no Mundo de Expressão Portuguesa*, Coord. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. Porto: CEPES, 2011, pp. 315-323
- SCHMITT, Jean-Claude. “A History of Rhythms during the Middle Ages », *The Medieval History Journal*, volume 15, 1, (2012)
- SCHMITT, Jean-Claude “Images and the historian” in *History and Images. Towards a New Iconology*, edited by Axel Bolving and Phillip Lindley. Turnhout: Brepols Publishers, 2003.
- SCHMITT, Jean-Claude « L’anthropologie historique de l’Occident médiéval. Un parcours » in *L’Atelier du Centre de recherches historiques [En ligne]*, n°06, 2010. pp.2-21.
- SCHMITT, Jean-Claude, *La raison des gestes dans l’Occident médiéval*. Paris: Gallimard, 1990
- SCHMITT, Jean-Claude, *Le corps des images: essais sur la culture visuelle au Moyen Âge*. Paris: Gallimard, 2002
- SCHMITT, Jean-Claude, *Le corps, les rites, les rêves, le temps : Essais d’anthropologie medieval*. Paris: Éditions Gallimard, 2001

- SCHMITT, Jean-Claude, *Les Revenants: Les vivants et les morts dans la société médiévale*. Paris: Éditions Gallimard, 1994
- SERRÃO, Vitor, *A trans-memória das imagens. Estudos Iconológicos de Pintura Portuguesa (Séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2007
- SEVERI, Carlo, *Le principe de la chimère : une anthropologie de la mémoire*. Paris: Éd. Rue d'Ulm (Musée du Quai Branly), 2007
- TOLOSANA, Carmelo Lison, *La Santa Campana. Fantasias reales. Realidades fantásticas* Madrid: Ediciones Akal, 2004
- TREFFORT, Cécile, « Les lanternes des morts : une lumière protectrice ? », Cahiers de recherches médiévales [En ligne], 8 | 2001, mis en ligne le 13 mars 2008, consulté le 15 février 2013. URL : <http://crm.revues.org/393>
- VINCENT, Catherine, *Fiat Lux. Lumière et luminaires dans la vie religieuse du XIIIe au XVIe siècle*. Paris : Éditions du CERF, 2004
- VELASCO, Luis, *Advertencias espirituales para mais agradar a Deos Nosso Senhor : cõ hum exercicio mui proveitoso pera depois da Sagrada Comunhão e agora acrescentado por Lucas Andrade Capelão de sua Magestade e capelão de Villaverde seu filho. traduzido em lingoa Portuguesa, & acrescentado por Luis Alvares d'Andrade natural de Lisboa, & impresso a sua custa : dedicado ao conde de Odemira*. Lisboa: por Antonio Alvarez, 1656.
- VITERBO, Sousa, “As candeias na religião, nas tradições populares e na industria.” in *Revista Lusitana*, Vol. 16-17, (1913).

¹ Sobre história da arte enquanto exercício de memória consultar a obra *A trans-memória das imagens. Estudos Iconológicos de Pintura Portuguesa (Séculos XVI-XVIII)* - SERRÃO, Vitor, *A trans-memória das imagens. Estudos Iconológicos de Pintura Portuguesa (Séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2007.

² Cf. Pierre Bourdieu

³ SCHMITT, Jean-Claude, *Le corps des images: essais sur la culture visuelle au Moyen Âge*. Paris : Gallimard, 2002; SCHMITT, Jean-Claude, *Le corps, les rites, les rêves, le temps : Essais d'anthropologie médiévale*. Paris: Éditions Gallimard, 2001.

⁴ MARKS, Richard, *Image and devotion in late medieval England*. Stroud: Sutton, 2004.

⁵ BELTING, Hans, *La vraie image: croire aux images?*. Paris: Gallimard, 2007 ou BELTING, Hans, *Pour une anthropologie des images*. Paris: Gallimard, 2004

⁶ MITCHELL, W. J. T., *Picture Theory: Essays on Verbal and Visual Representation*. Chicago, University of Chicago Press, 1994; MITCHELL, W. J. T., “What Do Pictures "Really" Want?” The Mit Press, 77, (1996); MITCHELL, W. J.T, “There Are No Visual Media”, *Journal of Visual Culture* 4, 2, (2005).

- ⁷ Como síntese consultar: SCHMITT, Jean-Claude « L'anthropologie historique de l'Occident médiéval. Un parcours » in *L'Atelier du Centre de recherches historiques* [En ligne], n°06, 2010, pp.2-21.
- ⁸ Expressão adaptada da obra de François Hartog – HARTOG, François, *Régimes d'historicité. Présentisme et expérience du temps*. Paris: Le Seuil, 2003.
- ⁹ CORBIN, Alain, *Time, Desire and Horror. Towards a History of the senses*. Polity press, 1990; CORBIN, Alain, “Histoire et anthropologie sensorielle”. *Anthropologie et Sociétés*, 14, 2, (1999), 13-24; CORBIN, Alain, *Historien du sensible. Entretiens avec Gilles Heuré*. Paris: La Découverte, 2000.
- ¹⁰ SEVERI, Carlo - Le principe de la chimère : une anthropologie de la mémoire. Paris: Éd. Rue d'Ulm (Musée du Quai Branly), 2007.
- ¹¹ DESCOLA, Descola, *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.
- ¹² Cada vez mais questiona-se a aplicação do conceito arte nas várias épocas da produção da cultura material ocidental, nesse sentido, é cada vez mais comum o uso da palavra imagem SCHMITT, Jean-Claude “Images and the historian” in *History and Images. Towards a New Iconology*, edited by Axel Bolving and Phillip Lindley 19-44. Turnhout: Brepols Publishers, 2003. pp. 37 38
- ¹³ Como se pode observar em ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, "Carácter Mágico do Toque das Campainhas. Apotropaicidade do Som" In LIMA, Fernando de Castro Pires de (dir.), *Revista de Etnografia*. Porto: Museu de Etnografia e História, vol. 6, tomo 2, n°12, (1966) p. 339-370. ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, “O Culto de Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna. Perspectiva Antropológica” Separata da "Revista de História". Porto: Centro de História da Universidade do Porto, Volume II, (1979). ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira “Ementação das Almas. Rezes de Ceia”. Porto: Separata da Revista de Etnografia N.º 5, (1963). ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de "Religiosidade Popular e Ermidas" In AZEVEDO, Joaquim de (dir.) - *Religiosidade Popular*. Studium Generale - Estudos Contemporâneos. Porto: Centro de Estudos Humanísticos. Ministério da Cultura - Delegação Regional do Norte, n° 6, (1984), p. 75-83.
- ¹⁴ *A grande devoção às Almas, nos séculos XVII-XVIII e até XIX levou a tais originalidades culturais que elas são um dos mais significativos elementos para determinar a personalidade base das gentes do Noroeste peninsular. Almas e saudade, que são temas relacionados, não são ainda um assunto-gasto. Importava sim aprofundá-los (...).cit.* ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de “O Culto de Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna. Perspectiva Antropológica” Separata da "Revista de História". Porto: Centro de História da Universidade do Porto, (1979).p.161.
- ¹⁵ LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- ¹⁶ LE GOFF, Jacques Le. *O Nascimento do Purgatório*, p. 251.
- ¹⁷ BOURDIEU, Pierre, *Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos etnologia Cabila*. Oeiras: Celta Editores, 2002.
- ¹⁸ Circulavam lendas e visões como as de São Patrício LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*, p. 215-245.
- ¹⁹ LAUWERS, Michel, *La memoire des ancetres, le souci des morts: Morts, rites, et societe au Moyen Age : Diocese de Liege, XIe-XIIIe siècles*. Paris : Beauchesne, 1997.
- ²⁰ CHIFFOLEAU, Jacques, *La comptabilité de l'au-delà : les hommes, la mort et la religion dans la région d'Avignon à la fin du Moyen Age vers 1320 vers 1480*. Rome: École Française de Rome, 1978.
- ²¹ SCHMITT, Jean-Claude, *Les Revenants: Les vivants et les morts dans la société medieval*. Paris: Éditions Gallimard, 1994. Ou POLO DE BEAULIEU, Marie Anne, *Dialogue avec un fantôme*, Jean Gobi, présentation et traduction, Paris: Les Belles Lettres, 1994
- ²² SCHMITT, Jean-Claude, *Les Revenants: Les vivants et les morts dans la société medieval*. Paris: Éditions Gallimard, 1994.
- ²³ SCHMITT, Jean-Claude, *Les Revenants: Les vivants et les morts dans la société medieval*. Paris: Éditions Gallimard, 1994.p.17
- ²⁴ SCHMITT, Jean-Claude, *Les Revenants: Les vivants et les morts dans la société medieval*. Paris: Éditions Gallimard, 1994.p.254
- ²⁵ GONÇALVES, Flávio, “Os painéis do Purgatório e as origens das “ Alminhas” populares”. Matosinhos: Separata de *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos* n°6, (1959). Ou GONÇALVES, Flávio “O “Privilegio Sabatino” na arte Alentejana” Separata de “A Cidade de Évora”. Separata.: S.n., (1963).
- ²⁶ C.f. REBOREDO, Amaro, *Socorro das almas do purgatorio... ajuntase hum Modo facil e artificioso de rezar bem o rosario e Coroas da Virgem Nossa Senhora pelo Padre Amaro de Roboredo*. Lisboa : Pedro Craesbeeck, 1627.
- ²⁷ SCHMITT, Jean-Claude, *La raison des gestes dans l'Occident médiéval*. Paris: Gallimard, 1990.p.297

- ²⁸ BASCHET, Jérôme, “Images en acte et agir social” in *La performance des images*, Bartheleyns, Gil; Dierkens, Alain et Golsenne, Thomas. in Problèmes d’histoire des religions, 19. Bruxelles: Editions de l’Université de Bruxelles, 2010. p. 10-11
- ²⁹ BASCHET, Jérôme, *L’iconographie médiévale*. Paris : Gallimard, 2008, p.59
- ³⁰ SERRÃO, Vitor, *A trans-memória das imagens. Estudos Iconológicos de Pintura Portuguesa (Séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2007.
- ³¹ RECHT, Roland, “L’historien de l’art est-il naïf? Remarques sur l’actualité de Panofsky”. in *Relire Panofsky*, Douar, Fabrice et Recht, Roland (dir.). Paris: Beaux-arts de Paris les Éditions, 2008: 11-36.pp.24-25
- ³² Esta ideia já tinha sido defendida por Pierre Francastel nos anos sessenta - FRANCASTEL, Pierre, “Art et Histoire: Dimensions et Mesure des Civilisations”. *Annales. Économies Sociétés, Civilisations* 16, 2 (1961) 297–316.
- ³³ FREEDBERG, David “Movement, Embodiment, Emotion” in *Histoire de l’art et anthropologie*, Paris, coédition INHA / musée du quai Branly (« Les actes »), 2009.
- ³⁴ Por exemplo, a importante festa de *Nossa Senhora das Candeias* - VITERBO, Sousa, “As candeias na religião, nas tradições populares e na industria.” in *Revista Lusitana*, Vol. 16-17, (1913).
- ³⁵ TREFFORT, Cécile, « Les lanternes des morts : une lumière protectrice ? », *Cahiers de recherches médiévales* [En ligne], 8 | 2001, mis en ligne le 13 mars 2008, consulté le 15 février 2013. URL : <http://crm.revues.org/393> e VINCENT, Catherine, *Fiat Lux. Lumière et luminaires dans la vie religieuse du XIIIe au XVIe siècle*. Paris : Éditions du CERF, 2004. pp.295-302,
- ³⁶ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de , "Carácter Mágico do Toque das Campainhas. Apotropaicidade do Som" In LIMA, Fernando de Castro Pires de (dir.) - *Revista de Etnografia*. Porto: Museu de Etnografia e História, vol. 6, tomo 2, nº12, (1966)
- ³⁷ CHIFFOLEAU, Jacques, *La religion flamboyante (1320 -1520)*. Paris: Editions Points, 2011.
- ³⁸ Cit ROSAS, Lúcia Maria Cardoso «A documentação das confrarias medievais como fonte para a História da Arte» in *Atas do SEMINÁRIO INTERNACIONAL A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no Mundo de Expressão Portuguesa*, Coord. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. Porto: CEPES, 2011, pp. 315-323.p.320
- ³⁹ ROSAS, Lúcia Maria Cardoso «A documentação das confrarias medievais como fonte para a História da Arte» in *Atas do SEMINÁRIO INTERNACIONAL A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no Mundo de Expressão Portuguesa*, Coord. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. Porto: CEPES, 2011, pp. 315-323.p.320
- ⁴⁰ TREFFORT, Cécile, « Les lanternes des morts : une lumière protectrice ? », *Cahiers de recherches médiévales* [En ligne], 8 | 2001, mis en ligne le 13 mars 2008, consulté le 15 février 2013. URL : <http://crm.revues.org/393>
- ⁴¹ VELASCO, Luis, *Advertencias espirituales para mais agradar a Deos Nosso Senhor : cõ hum exercicio mui proveitoso pera depois da Sagrada Comunhão e agora acrescentado por Lucas Andrade Capelão de sua Magestade e capelão de Villaverde seu filho. traduzido em lingoa Portuguesa, & acrescentado por Luis Alvres d’Andrade natural de Lisboa, & impresso a sua custa : dedicado ao conde de Odemira [sic]*. Lisboa: por Antonio Alvarez, 1656.p.143-145.
- ⁴² “e meu pay fez imprimir muitas mil repartindoas por todos, pera que ajudassem a sahir as almas das penas do Purgatorio de quem era particular devoto, alem das lembranças que fez por nas portas, e postigos desta Cidade, e partes publicas huas taboas com as almas pintadas, pera os fieis Christaõs tivessem memoria dellas, pera as socorrerem com suas oraçens.” VELASCO, Luis, *Advertencias espirituales para mais agradar a Deos Nosso Senhor: cõ hum exercicio mui proveitoso pera depois da Sagrada Comunhão e agora acrescentado por Lucas Andrade Capelão de sua Magestade e capelão de Villaverde seu filho*. traduzido em lingoa Portuguesa, & acrescentado por Luis Alvres d’Andrade natural de Lisboa, & impresso a sua custa: dedicado ao conde de Odemira [sic]. Lisboa: por Antonio Alvarez, 1656, pp.143-145
- ⁴⁴ Como no caso da Igreja Matriz de Vila Flor, Concelho de Vila Flor.
- ⁴⁵ Um painel pintado por volta do século XVII.
- ⁴⁶ Em talha dourada e policromada em relevo também do século XVII.
- ⁴⁷ Relevo em talha policroma provavelmente do século XVIII.
- ⁴⁸ BARTHOLEYNS, Gil; DIERKENS, Alain et GOLSENNE, Thomas (dir.) - *La performance des images*. in Problèmes d’histoire des religions, 19. Bruxelles: Editions de l’Université de Bruxelles, 2010.

⁴⁹ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de “O Culto de Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna. Perspectiva Antropológica” Separata da "Revista de História". Porto: Centro de História da Universidade do Porto, (1979).

⁵⁰ TOLOSANA, Carmelo Líson, *La Santa Campana. Fantasias reales. Realidades fantásticas* Madrid: Ediciones Akal, 2004, p.29

⁵² COSTA, Francisco Barbosa da e SOUSA, João de, *Visitações de Gulpilhares*. Gaia: Gabinete de História e Arqueologia de V. N. de Gaia, 1986.p.139

⁵³ ROSA, Maria de Lurdes Pereira, *As almas herdeiras: fundação de capelas fúnebres e afirmação da alma como sujeito de direito (Portugal, 1400-1521)*. Lisboa: Edição do Autor, 2005.p.12

⁵⁴ DURÃES, Margarida ““Porque a morte é certa e a hora incerta...” : alguns aspectos dos preparativos da morte e da salvação eterna entre os camponeses (sécs. XVIII-XIX).” *Cadernos do Noroeste. Série Sociologia. Sociedade e Cultura*". 13:2 (2000) 295-342.p.329

⁵⁵ SCHMITT, Jean-Claude “A History of Rhythms during the Middle Ages », dans *The Medieval History Journal*, volume 15, 1, (2012), p. 1-24.p.7

⁵⁶ LE GOFF, Jacques. *Un Long Moyen Age*. Paris: Editions Tallandier, 2004.